

A Hipermediação dos Produtos de Áudio em Tempos de Convergência: a Experiência da Produção da Série Fragmentos da História¹

Flávia Lúcia Bazan BESPALHOK²

Juliane MARTINS³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A Era da Convergência (JENKINS, 2008) trouxe mudanças na reflexão e produção para as mídias. No caso das produções audiofônicas, a multimídia fez surgir novos gêneros e formatos, chamados por Lopez (2010) de hipermediáticos, que demandam novas práticas dos profissionais e também diferentes estratégias de ensino nos cursos de Comunicação. Nesse sentido, este artigo apresenta a experiência da elaboração da série Fragmentos da História, que foi expandida para contemplar as potencialidades do espaço sonoro hipermediático. Partindo de depoimentos em áudio de pracinhas do acervo do Museu do Expedicionário, de Curitiba, foram produzidos programetes por alunos do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional, depois transformados, por integrantes da agência ZiiP, no formato áudio slideshow para veiculação nas mídias digitais do Museu.

PALAVRAS-CHAVE: integração teoria-prática; multimídia; hipermediação; áudio slideshow; Fragmentos da História.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, no final do século 20, inaugurou a Era da Convergência, no entendimento de Jenkins (2008), provocando mais do que uma modificação tecnológica. Na visão do autor, “a convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam as notícias e o entretenimento.” (JENKINS, 2008, p. 41). Diante desse cenário, apresenta-se o desafio de entender essas transformações, identificar os novos gêneros que estão surgindo e inseri-los no contexto do ensino de Comunicação nos cursos de formação superior.

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Professora do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru. Integra os grupos de pesquisa: INCOM/UTP, COMXXI/UFPR e o de Rádio e Mídia Sonora da Intercom. E-mail: flabespa@gmail.com

³ Professora do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional da UFPR. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), especialista em Comunicación Científica pela Universitat Pompeu Fabra (UPF-Idec) e bacharel em Jornalismo pela PUCPR. Integra o grupo de pesquisa Comunicação e Educação da Intercom. E-mail: professorajuliane@ufpr.br

Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar uma experiência desenvolvida em 2014/2015 no Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, em que um programa de áudio teve sua produção iniciada em uma das disciplinas da matriz curricular, depois passou por reformulações feitas por integrantes da agência experimental do curso e foi veiculado nas mídias digitais de um dos parceiros da agência, o Museu do Expedicionário, localizado em Curitiba (PR).

De início, foi produzida uma série de programetes de rádio, durante a disciplina de Laboratório de Técnicas de Comunicação – Áudio e, depois, como esse material seria aproveitado para veiculação nas mídias digitais do Museu, buscou-se refletir sobre os novos gêneros que nascem com as tecnologias de comunicação e informação e quais as suas características. Chegou-se ao conceito de áudio slideshow, proposto por Lopez (2010), e a série, que foi inicialmente pensada somente para o suporte audiofônico, foi transformada para agregar os aspectos da multimídia, característica desta Era da Convergência.

A busca pela integração teoria–prática

O Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional foi criado em 2009. Em 2011, teve seu projeto pedagógico reformulado e implantado para atender a anseios de docentes e discentes na futura atuação profissional, característica de destaque em cursos de tecnologia (MEC, 2010).

A integração teoria–prática foi o pano de fundo da reformulação, perpassando a criação das disciplinas do curso e a infraestrutura necessária para o seu funcionamento, como a previsão de um espaço para o desenvolvimento de atividades práticas no âmbito acadêmico, nos moldes de uma agência experimental.

Em 2012 ela foi criada com o nome de ZiiP Identidade Institucional, destinando-se a ser um local para o aluno vivenciar realidades que pode encontrar depois de formado. Para além da infraestrutura física, foi elaborado um projeto de extensão, responsável por articular o tripé universitário, via socialização do conhecimento na comunidade. Isso porque,

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que

encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (FORPROEX, 2012, p. 8)

Com fulcro nesses preceitos, a integração teoria–prática deu-se pela interação dialógica com a sociedade, sendo o objetivo da agência o atendimento a instituições que necessitam de informação e assessoria na área da comunicação institucional. Desse modo, como coloca Leandro (2006, p. 2), foi possível o

[...] rompimento da tendência à divisão rígida entre matérias teóricas e práticas; articulação de uma relação orgânica entre ensino, pesquisa e extensão; importância da integração curricular horizontal e vertical a fim de evitar a fragmentação do ensino através de projetos e atividades que permitam maior interatividade entre docentes, discentes, grupos, áreas de conhecimento e setores das instituições.

Com essa visão, estão sendo estabelecidas parcerias com diferentes instituições para que os alunos atendam demandas relacionadas à formação deles. Uma dessas, desde 2013, é com o Museu do Expedicionário. A responsabilidade da entidade é divulgar a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Dentre as demandas levantadas pela agência junto a esse parceiro, já foram executados diversos trabalhos, como o site www.museudoexpedicionario.com e o gerenciamento da fanpage www.facebook.com/museudoexpedicionario.

A rotina de trabalho da equipe da ZiiP (professores⁴ e alunos bolsistas e voluntários) engloba o atendimento aos parceiros, agindo como mediadora e facilitadora na execução das atividades, que podem ser compartilhadas com os demais alunos do curso nas diversas disciplinas interessadas nessa integração teoria–prática.

Para a execução de muitas propostas identificadas no atendimento, colaboraram os demais alunos do curso, que tiveram trabalhos desenvolvidos em disciplinas a partir de demandas advindas de parceiros da agência. Neste artigo será relatado um deles, a série audiovisual “Fragmentos da História – Os paranaenses na Segunda Guerra Mundial”.

⁴ Juliane Martins, professora coordenadora; Flávia Lúcia Bazan Besspalhok, professora vice-coordenadora; e Cleverson Ribas Carneiro, professor colaborador.

No início, era o som

No primeiro semestre de 2014, na disciplina Laboratório de Técnicas de Comunicação – Áudio (3º período do curso), foi elaborada uma série de programetes em áudio pelo aproveitamento de depoimentos de pracinhas, constantes no acervo do Museu do Expedicionário.

Isso foi possível a partir da cessão de 62 CDs do Museu para a agência, contendo depoimentos, registro de eventos, canções e clipagem de conteúdos em áudio. Esse material foi ouvido, analisado e catalogado pelos bolsistas para saber o que era passível de divulgação futura, via site ou fanpage.

Com isso, identificou-se a oportunidade de oferecer à professora da disciplina⁵ os depoimentos dos expedicionários para a realização de uma possível atividade com os alunos, o que estava consonante com o projeto pedagógico do curso, que ressalta a importância do

[...] desenvolvimento prático das disciplinas, com metodologias que integram teoria e prática de forma interdisciplinar, tem o papel de recriar, em formatos didatizados, experiências, vivências, informações e condutas inovadoras. Busca-se dessa forma promover a aprendizagem de forma dinâmica, possibilitando a interdisciplinaridade e a integração com o mundo do trabalho, envolvendo procedimentos relacionados a diversos conteúdos e matérias curriculares. (SEPT, 2010, p. 5)

Assim, o conteúdo dos CDs foi repassado e utilizado para a prática de produção de textos radiofônicos e edição, resultando na série de programetes em áudio denominada “Fragmentos da História – Os paranaenses na Segunda Guerra Mundial”.

Do material repassado à disciplina, escolheram-se 12 depoimentos de pracinhas que tinham conteúdo suficiente para que fossem trabalhados pelos alunos. A proposta era que os estudantes pudessem fazer a escuta do material sonoro vindo dos expedicionários, seleção dos melhores trechos, produção de texto compatível com os trechos sonoros escolhidos e, para finalizar, a gravação dos textos, edição e montagem final do material no programa *Audacity*.

O formato de programete foi escolhido em função da, ainda, pouca experiência dos estudantes com a produção em áudio. Como uma das características desse formato é a sua curta duração, entendeu-se que seria propício para o momento em que os alunos viviam.

⁵ Professora Flávia Lúcia Bazan Bespalhok.

Além disso, como aponta Prado (2006, p. 67), “pode-se abordar qualquer assunto em seu conteúdo”.

A turma foi dividida em duplas ou trios para que cada equipe tivesse um depoimento diferente a ser trabalho. Definiram-se as linhas editoriais básicas do programete, como tempo médio de três minutos; o uso de texto, músicas, efeitos sonoros e, se possível, silêncio como parte da linguagem; e que fossem concebidos como parte integrante de uma série de programetes.

A essa série deu-se o nome de Fragmentos da História. O nome foi pensado por fazer alusão ao fato de que os depoimentos eram fragmentos de uma guerra vivida pelos pracinhas individualmente e também porque após o lançamento de granadas e outras armas de guerra são liberados fragmentos que se espalham por uma vasta área.

Após o título principal, Fragmentos da História, usou-se uma espécie de subtítulo ou também chamado no rádio de slogan, que explicava o contexto da série: “Os paranaenses na Segunda Guerra Mundial”. Para sonorizar a vinheta, foi usado trecho de uma das batalhas da Segunda Grande Guerra em que havia o tocar de uma sirene seguido de uma explosão. Essa escolha também se deu para reforçar o conceito dos fragmentos sendo liberados com a explosão. O texto foi narrado pelo professor Cleverson Ribas Carneiro.

Para conseguir produzir os textos em consonância com os fragmentos de depoimentos, os alunos necessitaram fazer vasta pesquisa sobre o tema, até para entender o contexto e as expressões que os pracinhas usavam. Um exemplo interessante desse processo foi que um dos pracinhas (Antônio Goulart – episódio 3) fazia referência a soldados como saco A e saco B. Num primeiro momento, essa informação não fazia sentido algum, mas, ao pesquisar o assunto, descobriu-se que havia dois tipos de equipamentos para a guerra que eram dados aos soldados. O saco A tinha equipamentos para serem usados em combate e o saco B tinha apenas apetrechos para serem usados na retaguarda. Como explica Moura e Ferraz (2012, p. 961) “Os expedicionários que realmente vivenciaram ação em combate apelidavam os outros da retaguarda de ‘saco B’, o que era visto como ofensa”.

Todas as equipes realizaram o exercício proposto, algumas com mais e outras com menos dificuldades. Alguns programetes usaram somente depoimento, narração e música. Outros, porém, conseguiram incluir também efeitos sonoros e outras referências, como um trecho do *Repórter Esso* anunciando o final da Guerra.

Após o término da disciplina, a série foi encaminhada à presidência do Museu para análise e autorização de veiculação. Com a aprovação, foi solicitado à professora da

disciplina que enviasse os roteiros à equipe da ZiiP para que bolsistas da agência pudessem fazer a seleção do material.

Na etapa de planejamento, dos 12 programetes produzidos, nove foram considerados em condições de serem aproveitados para veiculação e, então, chegou-se a um impasse: como seria essa veiculação? Com o formato audiofônico com que foram pensados? Como a veiculação se daria em plataformas digitais, buscou-se refletir sobre o formato de áudio para essa mídia.

Depois, a imagem

Tomando como base a multimidialidade⁶ característica da internet, vislumbrou-se a possibilidade de convergência de som e imagem e passou-se a buscar um formato que desse conta dessa perspectiva, pois, como afirma Lopez (2010, p. 124),

A produção radiofônica é agora composta por uma narrativa multimídia, direcionada a esse novo público, buscando atender demandas de tempo, disponibilização, linguagem, conteúdo, forma. Trata-se de uma área a ser explorada por comunicadores no mercado e por pesquisadores na academia.

Um exemplo que inspirou essa busca foi a série produzida pelo jornal *The New York Times* “One in 8 million”⁷, que conta a história de personagens de Nova Iorque por meio de sons e imagens. Lopez (2010) também elucidou esse formato ao nominá-lo de áudio slideshow e caracterizá-lo como

Informação transmitida através da página web [...]. Possibilita a narrativa multimidiática, com exploração de imagens estáticas e em movimento, áudios, textos e hipertextos. Não tem limite de tempo. Permite linkagem, mas mantém a consideração de que a base da informação ainda é sonora, o que significa que o áudio slideshow cumpre um papel complementar. Desta forma, seu não consumo pelo ouvinte não implica em conseqüências à eficácia do processo informativo. É disponibilizado *on demand*. (LOPEZ, 2010, p. 125-126)

Souza e Carreiro (2009, p. 13) também reforçam o caráter radiofônico do formato ao afirmar que, mesmo sendo disponibilizado pela web,

⁶ Conforme explica Palácios (2004), a multimidialidade “refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade”.

⁷ A série está disponível em <http://www.nytimes.com/packages/html/nyregion/1-in-8-million>

[...] sua estrutura foge da proposta por uma webreportagem tradicional marcada pela hipertextualidade. Ela está mais próxima da narrativa radiofônica por ter o som como fio condutor da história. Com isso, mesmo sendo um formato para internet, o áudio slideshow tem um forte veículo [sic] com a linguagem radiofônica.

Por ainda carregar características da produção essencialmente sonora agregadas às da internet, Lopez (2010) chama esse formato de hipermediático. Embora a autora trate de rádio e da informação jornalística quando faz sua conceituação, entende-se que este conceito pode ser estendido para toda a produção de áudio que lide com informações, não necessariamente inseridas em emissoras de rádio formais, que foi o caso da produção para o Museu do Expedicionário, em evidência neste artigo.

E, por fim, áudio + imagem

Com o formato escolhido, os programetes passaram por uma seleção e somente nove foram escolhidos, tendo como critério para descarte de três programas a qualidade do áudio dos depoimentos, já que estes tinham muitos ruídos, dificultando bastante o entendimento.

Na agência, os roteiros passaram por pequenas correções e, como cada programete recebeu narração de alunos diferentes quando executado na disciplina, decidiu-se refazer a locução com uma única voz, o que traria uma identidade sonora à série, além de padronização do fechamento de cada episódio com os créditos.

Como no ano de 2015 celebraram-se os 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, definiu-se que a publicação da série duraria um mês (de agosto a setembro), culminando com o último episódio em 2 de setembro de 2015, data considerada oficial do fim da Grande Guerra.

Assim, o material se tornou uma série audiovisual, no formato de áudio slideshow, com relatos sobre a participação de nove brasileiros no acontecimento. A ordenação dos episódios partiu de uma organização mais ou menos cronológica dos depoimentos selecionados, abrangendo a preparação, a viagem, a vida no campo de batalha e a Tomada de Montese (ver quadro da página 11).

A partir dessa escolha, analisaram-se as métricas da fanpage do Museu e ficou definido o cronograma de postagens: sempre às quartas-feiras e sábados, às 20h. Cada episódio foi publicado no canal do YouTube do Museu (<https://www.youtube.com/channel/>

UCxQXqFRxfhuryHZpk0K78nA) e depois recebeu postagem na fanpage. Com o término da veiculação, foram inseridos no site do Museu (<http://www.museudoexpedicionario.com/#!fragmentos-da-histria/cybb>), no menu Acervo, com destaque na home page.

Para a produção do material, cada episódio foi reeditado em formato de áudio slideshow. Foi elaborada uma vinheta de abertura e de encerramento, mantendo a vinheta sonora da série de programetes agregada à logo do Museu e ao nome da série (figura 1). Como trilha sonora, para ficar de background durante as narrações, foi selecionada a música *Bachianas Brasileiras*, volume 5, de Villa-Lobos, que já está em domínio público e não exige pagamento de direitos autorais.



Figura 1 – Sequência de frames que compõe a vinheta de abertura
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uTghx3uLS2o>

Para manter a identidade da narração e dar um tom profissional ao produto, convidaram-se os locutores da rádio *Banda B* de Curitiba Marcelo Ortiz e Sérgio Prestes (com o apoio técnico de Sérgio Zanoni), que aceitaram participar voluntariamente. O primeiro gravou o roteiro em áudio dos episódios e o segundo os créditos finais (como cada roteiro em áudio ficou sob responsabilidade de um grupo de alunos, a produção de cada equipe foi creditada no material). Para a finalização, realizou-se uma pesquisa de imagens e vídeos do acervo do Museu para cobrir cada episódio⁸, que foi editado e legendado para veiculação. Todo esse trabalho de produção foi desenvolvido pelas bolsistas da agência Thaynara Rosa e Jéssica Storrer.

Todos os episódios foram legendados porque, mesmo selecionando depoimentos com poucos ruídos, a qualidade dos áudios poderia, dependendo do internauta, e das condições da escuta, ser dificultada.

⁸ No recorte para este artigo não serão abordados aspectos relacionados à seleção e edição das imagens para a série.

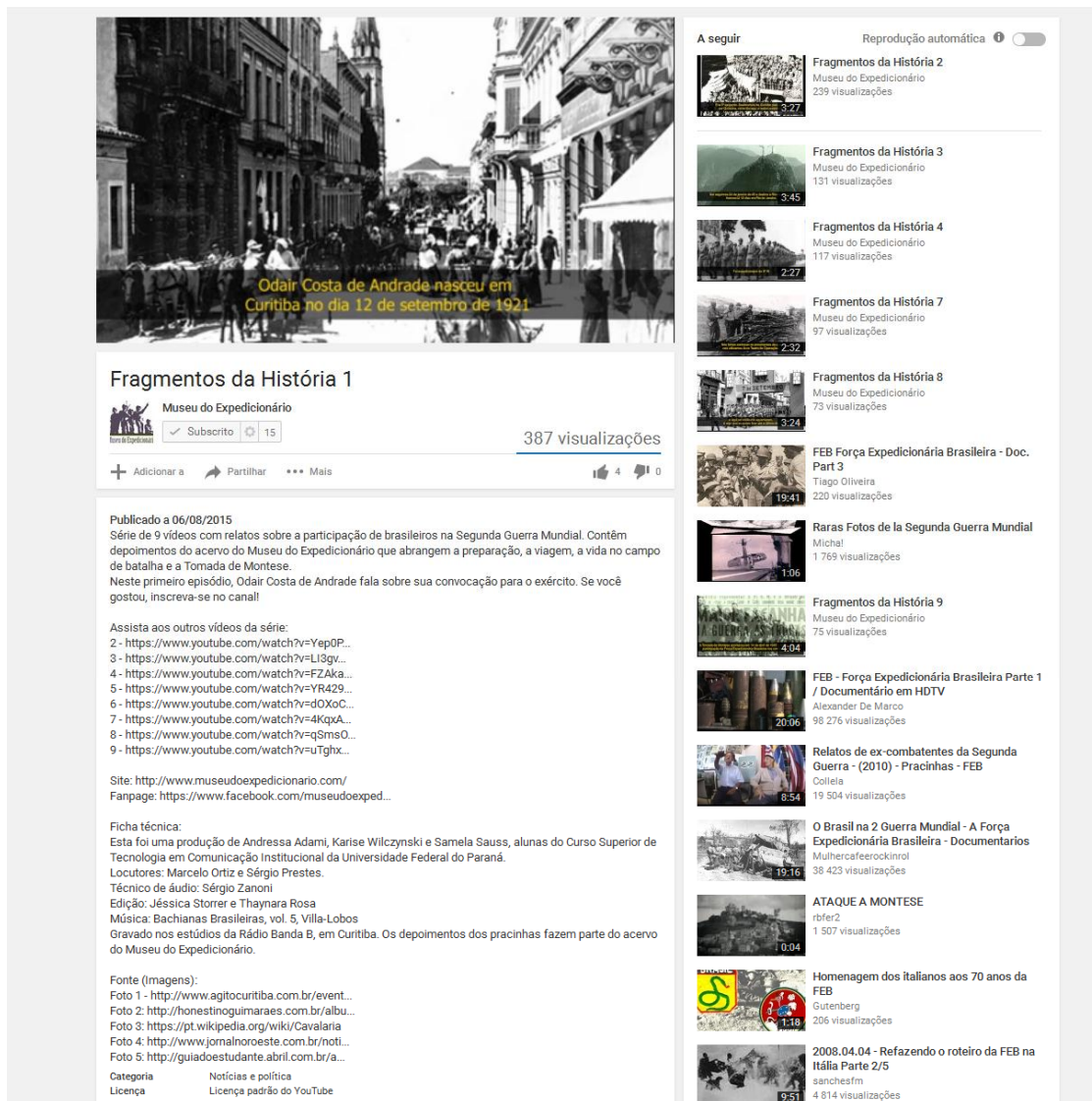


Figura 2 – Postagem do primeiro episódio no YouTube
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1FYC790TZbI>

Para a divulgação da série no YouTube (figura 2), foi elaborado um breve texto de apresentação, contendo informações gerais da série e de cada episódio em particular, inclusive a ficha técnica e lista de tags. Para as postagens na fanpage (figura 3), foi preparado um cronograma com textos incluindo a divulgação da série, um teaser no dia anterior à veiculação de cada episódio e a publicação em si, com hashtags.



Figura 3 – Exemplo de postagens no Facebook (teaser e post do episódio, respectivamente)
 Fonte: <http://www.facebook.com/museudoexpedicionario>

Para a publicação no site (figura 4), pensou-se na navegação com destaque para um episódio (incorporado do canal do YouTube) e link a partir de imagem em miniatura para os dois seguintes (à direita). Na sequência (acima do rodapé), é possível avançar nas páginas para acessar os demais episódios.

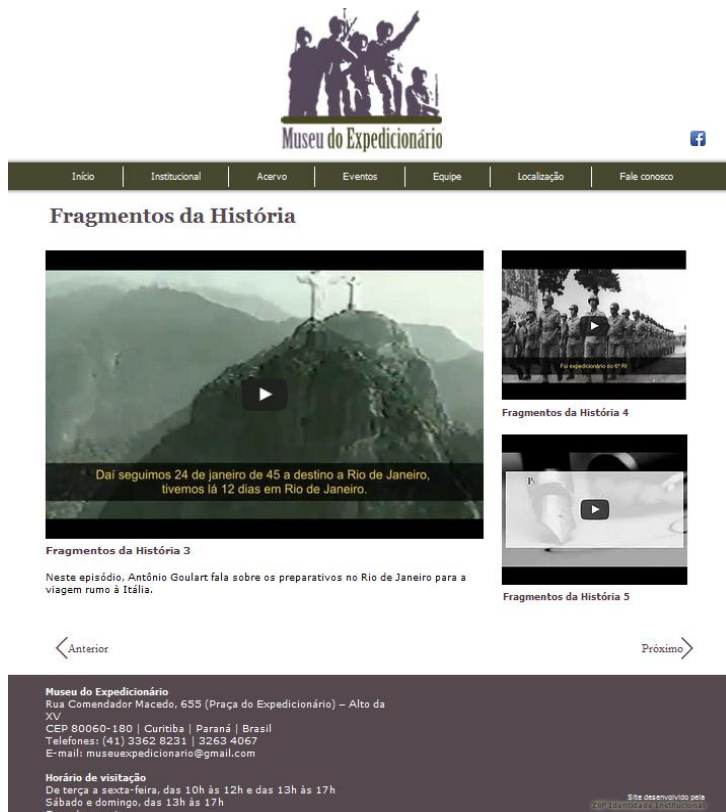


Figura 4 – Exemplo de publicação no site do Museu do Expedicionário
 Fonte: <http://www.museudoexpedicionario.com/#!/videos3/cqwy>

Após a veiculação dos episódios, foram sistematizados os dados relacionados à série. Para a elaboração deste artigo, informações das visualizações do YouTube e de pessoas alcançadas no Facebook foram reunidas⁹, conforme o quadro a seguir:

Episódio	Veiculação	Depoimento	Contexto	Visualizações YouTube	Alcance Facebook
1	05/08/2015	Odair Costa de Andrade	Fala sobre sua convocação para o exército	387	525
2	08/08/2015	Roosevelt de Oliveira Chueire	Explica os preparativos para o embarque no Rio de Janeiro	255	223
3	12/08/2015	Antônio Goulart	Fala sobre a viagem rumo à Itália	138	235
4	15/08/2015	Vicente Rampavo	Aborda as dificuldades da viagem de navio para a Itália e a Batalha de Monte Castelo	116	151
5	19/08/2015	Moacir Nunes Torres	Conta como um soldado terminou o namoro escrevendo um soneto	80	101
6	22/08/2015	Lucídio Chaves	Lembra sua nomeação como chefe das comunicações do Grupo de Aviação de Caça	86	138
7	26/08/2015	Mario Montanha Teixeira	Afirma que os soldados brasileiros aprenderam a guerrear, guerreando	99	254
8	29/08/2015	Daniel Souza	Fala sobre feridos e mortos durante a Guerra	76	128
9	02/09/2015	“José”	Descreve detalhes da Batalha de Montese	84	206

A partir desses dados, percebe-se que, no YouTube, os quatro primeiros episódios estão entre os mais vistos e que, entre os três últimos, há interesse maior pelo antepenúltimo e último. Não há, até o momento, registro de comentários ou de “não gostei” nos episódios publicados.

No caso da fanpage, o alcance orgânico de cada publicação refere-se ao número de pessoas que viram a postagem, não necessariamente que acessaram o vídeo, pois a contabilização é feita pela exibição do post no feed de notícias.

⁹ Números consolidados em 16 de abril de 2016.

O episódio de “estrela” foi o de maior alcance (também recebeu 22 curtidas¹⁰). Os três últimos registram informações de interesse parecidas com o que aconteceu no YouTube. No entanto, o antepenúltimo episódio é o segundo em número de alcance, em relação aos demais.

As inferências a partir dos dados são múltiplas, desde a temática abordada em cada episódio até uma busca feita sobre assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial no YouTube. O interesse pessoal por determinada abordagem de algum episódio ou a proximidade com o pracinha em particular poderiam explicar os números, todavia seriam necessárias pesquisas mais aprofundadas para essa análise.

Nessa perspectiva da proximidade, uma das interações que fornece uma pista está nos comentários ao teaser do segundo episódio:



Figura 5 – Comentários ao teaser do episódio 2
 Fonte: <http://www.facebook.com/museudoexpedicionario>

A filha de Roosevelt de Oliveira Chueire identifica o depoimento do pai e faz um comentário convidando as pessoas para escutarem o vídeo. Entretanto, esse comentário foi feito no teaser da série e não na postagem do episódio. Como resposta, a internauta Clarice Pinheiro Machado pergunta pelo vídeo. Ao perceber essa troca de mensagens, o Museu coloca o link para acesso direto.

¹⁰ Essa foi a postagem com maior número de curtidas. O penúltimo episódio recebeu o menor, 3. Nos demais: 2º episódio, 10 curtidas; 3º, 11; 4º, 5; 5º e 6º, 4 cada; 7º, 8; e 9º, 4.

Com relação a essa interação, também é interessante notar que ela convida a que “escutem o vídeo”. Essa afirmação da internauta ressalta o aspecto fortemente sonoro do áudio slideshow, como apontado por Lopez (2010) e Souza e Carreiro (2009).

Ainda se estimulou essa questão da interação na produção do último episódio. Ao planejar a série, foi selecionado o depoimento do pracinha “José”, que não tinha o sobrenome disponível. Consultou-se a direção do Museu do Expedicionário para uma possível identificação, mas também não souberam dizer qual seria o nome completo dele. Esse relato foi considerado bastante relevante, pois tratava de detalhes da Batalha de Montese, com a rendição dos alemães, já no final da Segunda Guerra Mundial.

Em vista disso, resolveu-se por manter o depoimento, mesmo sem toda a identificação do nome do pracinha, o que era “padrão” dos demais episódios. No programete elaborado pelos alunos, o encerramento do episódio era com um trecho do *Repórter Esso*, de 8 de maio de 1945, falando “Terminou a guerra, terminou a guerra, terminou a guerra!”.

Na produção para a gravação da locução, como esse seria o último episódio, veiculado em memória aos 70 anos do fim da Grande Guerra (a data considerada oficial é 2 de setembro¹¹), decidiu-se explicar melhor essa questão:

Esse foi o depoimento do soldado brasileiro José, que lutou numa das mais sangrentas batalhas envolvendo forças brasileiras em território estrangeiro. Nos registros do Museu do Expedicionário não há informações sobre qual seria o sobrenome de José. Mesmo assim, o depoimento dele fez parte desta série como uma homenagem a todos os soldados que participaram da Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial. E assim termina a série Fragmentos da História. Muito obrigado e até uma próxima oportunidade.

Na postagem da fanpage (figura 6), aproveitou-se para tentar a interação com os seguidores, convidando aos que reconhecessem a voz do “José” informarem o nome completo dele. Porém, ainda não houve retorno a esse pedido.

¹¹ TOSSERI, O. A Segunda Guerra acabou em maio de 1945. FALSO! Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/a_segunda_guerra_acabou_em_maio_de_1945_falso.html>. Acesso em: 14 abr. 2016.



Figura 6 – Postagem do último episódio
 Fonte: <http://www.facebook.com/museudoexpedicionario>

Considerações finais

A experiência da produção da série Fragmentos da História, relatada neste artigo, é um exemplo de como é possível fazer a integração teoria–prática, entre disciplina e agência experimental (o projeto de extensão do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional), com resultados efetivos.

Embora se entenda que seja importante que os produtos a serem elaborados para a internet devam ser planejados de antemão com as características próprias dessa mídia, como multimídia, interatividade e hipertextualidade, a produção da série se mostrou interessante, pois foi possível tanto para os alunos quanto para os bolsistas da agência perceberem os vários gêneros hoje existentes e os diferentes formatos e estratégias que podem ser pensados na prática da comunicação institucional.

REFERÊNCIAS

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**, maio 2012. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/20120628-Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extensao-Universitaria.doc>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEANDRO, D. Agências experimentais: regulamentações e articulações pedagógicas no contexto institucional Bom Jesus/Ielusc. In: Endecom 2006 – Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 11 a 13 de maio de 2006. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/108654485010488852586820670931912644517.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: LabCom Books, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MEC. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7237&Itemid=>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

MOURA, M. J.; FERAZ, F. Memória sobre a guerra: pracinhas paranaenses na Segunda Guerra Mundial. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 9., 2012, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2012. p. 959-969. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/maicomoura.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PALÁCIOS, M. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ:Br – Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, ed. 4, 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PRADO, M. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SEPT. **Projeto pedagógico do Curso Tecnologia em Comunicação Institucional**, 2010. Disponível em: <http://www.sept.ufpr.br/wa_files/TCI_20-_20PPP.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

SOUZA, M.; CARREIRO, R. Áudio slideshow como formato para reportagens multimídia: primeiras aproximações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1297-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.